

Caros colegas da Pedagogia Waldorf,

Atendendo a urgência de nos alinharmos com temas da atualidade, a IASWECE está se dedicando mais uma vez ao tema “diversidade cultural”, sob três aspectos:

Como nos relacionamos com minorias étnicas, com a diversidade no âmbito de gênero, religião e outros?

Como nos posicionamos com relação a um mundo em constante movimento e tão diverso?

Temos paradigmas a serem revistos?

Em 6 de julho de 2020, houve uma reunião virtual da IASWECE (Associação Internacional para a Educação Infantil Steiner/Waldorf) da qual participaram educadores da primeira infância de 14 países, tendo por princípio defender, aprofundar e renovar a educação infantil da pedagogia Steiner/Waldorf, garantindo que a pedagogia Waldorf não se torne um sistema teórico, nem uma coleção de métodos externos, mas uma fonte de insight vivo.

Servir ao desenvolvimento saudável da infância implica em desenvolver o potencial de perceber, por meio de nossa própria atividade interior autogerida, não apenas a natureza física, mas também anímica e espiritual de cada criança. Através do estudo antropológico e da constante observação fenomenológica da criança, refinamos nossa percepção da individualidade como um todo e conseqüentemente a percepção da diversidade humana tão distinta em etnia, gênero, temperamento, personalidade, assim como tradições e valores familiares inseridos no contexto sócio-econômico-cultural.

Em suma, “defender, aprofundar e renovar ” a educação infantil Waldorf são premissas básicas de nossa atuação.

Questões levantadas a serem trabalhadas:

Constatou-se que, no campo da diversidade cultural e da pluralidade, ocorre racismo com relação a negros, ciganos, muçulmanos, aborígenes, indígenas, imigrantes mexicanos, sul americanos e norte africanos, assim como intolerância em aceitar divergências políticas.

Constatou-se também certa discriminação na contratação de professores imigrantes em escola Waldorf devido ao sotaque; entretanto, contratam-se professores europeus com sotaque. Como isso reverbera na comunidade escolar? Isto seria racismo implícito?

Percebe-se, lamentavelmente, que nas escolas particulares há maior resistência em contratar pessoas e aceitar alunos imigrantes do que nas públicas.

O fato das escolas Waldorf serem particulares inviabiliza o acesso da classe social desfavorecida. Como tornar acessível a todas as famílias que queiram essa pedagogia, independente da sua situação financeira? Com certeza, há escolas que desenvolvem um trabalho social nesta direção, porém são exceções.

A autoeducação dos professores no encontrar e trabalhar os seus preconceitos inconscientes se faz necessária para que tenham maior consciência em relação à discriminação. Pode ser profícuo o acompanhamento de um profissional para um trabalho terapêutico, um biográfico, etc.

As práticas pedagógicas em relação às celebrações das festas cristãs necessitam ser compreendidas em profundidade urgentemente, para que não se entenda a escola Waldorf como uma religião ou seita. Como falar do impulso Crístico, independente da religião oficial do país onde a escola está inserida, sem que isto

afaste as pessoas interessadas na Pedagogia Waldorf ou Antroposofia? Haveria outra forma de falar sobre esta força pilar da Antroposofia? É possível desvincular o impulso Crístico do cristianismo? Como reconhecer o impulso Crístico em todas as culturas e sistemas?

Como o espaço interno da sala de aula conversa com o contexto regional em que se situa? Quais imagens devem ser trazidas na decoração da sala de aula? A Madona Sistina deveria estar em todas as escolas do mundo inteiro? Como trazer a essência, sem que a imagem tenha que ser igual em todos os lugares? Sugestão: pesquisar histórias onde diferentes seres humanos se identificam em suas culturas.

Como estão as formações de professores? Elas contribuem para a ampliação da cultura? Há abertura para conhecer a cultura local, suas raízes? Podemos sempre nos perguntar se o que estamos trazendo é adequado à criança?

Nos Estados Unidos os jovens estudantes que fazem as formações de Pedagogia Waldorf, questionam muito como este tema é trazido nestas formações.

Como estão sendo tratadas as traduções dos livros de Rudolf Steiner onde há trechos inaceitáveis aos dias de hoje? Eles deveriam ser retirados ou deveriam haver uma nota de rodapé com maiores explicações? Observação: Infelizmente, há editoras que não permitem estas explicações.

Em direção ao futuro:

Por onde começar diante de um tema tão diverso e desta magnitude?

Corremos o risco de nos paralisar?

Podemos ver este momento como uma grande oportunidade?

Tudo se inicia com cada indivíduo.

Segundo o pensamento de Jiddu Krishnamurti:

*“O que você é, o mundo é, sem transformação interior, não se transforma o mundo.”*

O sentimento de pertencimento deve ser cultivado.

Como outras culturas podem se tornar importantes para mim?

O que ainda deve ser trabalhado em mim para ser isento de preconceitos?

Podemos abrir um espaço para ouvir o outro lado da história, dos oprimidos?

Certamente temos que evitar julgamentos rápidos e precipitados.

Vivemos feridas históricas de colonialismo no mundo inteiro e urge a necessidade de colaborarmos para que exista menos preconceito, reparar injustiças e prejuízos causados.

A IASWECE iniciará um trabalho com relação a este valioso tema e espera, em breve, trazer-lhes novas notícias.

Saudações

Silvia Jensen, representante da FEWB na IASWECE